

MENINO DO RANCHO: PERFORMANCE RELIGIOSA DO POVO JIRIPANKÓ

407

Lucas Emanuel Soares Gueiros*

José Adelson Lopes Peixoto**

Este artigo objetiva descrever o ritual Menino do Rancho, um dos principais elementos religiosos da etnia Jiripankó, localizada no sertão de Alagoas. Tal evento é fundamental para o fortalecimento da identidade, manutenção de um sentimento de pertença e transmissão das práticas ritualísticas desse grupo indígena. A descrição parte de um estudo bibliográfico em autores como Mauss, Ribeiro, Canclini, Mura e Matta e, posterior, pesquisa de campo com observação participante nas performances do ritual Menino do Rancho entre 2015 e 2016, com a realização de entrevistas orais e produção de fotografias. Para a compreensão do ritual fez-se necessário descrever os elementos que o constituem e que são fronteiras culturais entre os mundos do índio e do não índio.

Palavras- chaves: Fronteira, Identidade, Ritual.

A Aldeia e o povo Jiripankó

O povo Jiripankó é originário do interior de Pernambuco, do município de Tacaratu, da aldeia Brejo dos Padres, onde viviam aldeados sob o etnônimo Pankararu; foi a ação dos colonizadores com a tentativa de subjugar, escravizar esse povo indígena, que fez com que se dispersasse fugindo para diversos locais. Foi especificamente a lei de terras de 1850 que provocou uma diáspora no grupo (1877), e numa atitude de busca por espaço e sobrevivência, alguns membros do grupo chegam até as terras de Pariconha-AL.

Apenas José Carapina e sua esposa Izabel saíram de Brejo dos Padres e se abrigaram na região que atualmente é denominada de Pariconha, onde passaram a realizar trabalhos para o fazendeiro Firmino Marques que deu terras como forma de pagamento pelos trabalhos prestados pelo índio. Após a conquista deste novo espaço, outros parentes Pankararu chegaram à localidade e, posteriormente, criaram a aldeia e assumiram o etnônimo Jiripankó.

Atualmente esse povo se encontra dividido em várias comunidades próximas, com os nomes de Ouricuri, no centro do território e Piancó, Campinhos, Figueiredo e Pedrinhas, mais afastadas. A divisão é apenas física, por questões territoriais, pois o

* Graduando em História pela Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL Campus III – Palmeira dos Índios. Bolsista PIBID, membro do Grupo de Estudos da História dos Povos Indígena de Alagoas. E-mail: emanoellucas49@hotmail.com

** Historiador e Antropólogo. Professor Assistente na Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, Campus III – Palmeira dos Índios. Coordenador do Grupo de Estudos da História dos Povos Indígenas de Alagoas. E-mail: adelsonlopes@hotmail.com

povo Jiripankó possui cacique e pajé comuns à todas as comunidades. O grupo é composto aproximadamente por 2.400 pessoas, que mesmo distantes do seu tronco Pankararu, em Brejo dos Padres, se mantem ligado a ele através dos seus rituais e festas, onde renovam, constantemente, os laços identitários e de pertencimento. (SANTOS, 2015).

A comunidade indígena Jiripankó corresponde a uma região constituída por serras e vales, ocupados pela vegetação de caatinga e marcada pela seca frequente, clima semiárido e um contraste entre áreas esverdeadas e outras amareladas (galhos e matas secas). É neste cenário que está inserida a aldeia e se realizam os pagamentos de promessas devido a concretização de milagres ou de graças alcançadas. (GUEIROS; PEIXOTO, 2016).

A aldeia é formada por um conjunto de casas construídas de alvenaria e cobertas com telhas, possuindo cada uma delas um espaço de chão batido e são delimitadas ou separadas por cercas com arames. Não são mais construídas as habitações cobertas por palhas como se fazia outrora, pois foi um dos costumes da modernidade, trazido pelo europeu e que o povo Jiripankó aderiu totalmente. A aldeia possui escola com quadra para práticas esportivas, alguns estabelecimentos comerciais e duas igrejas católicas.

Os espaços sagrados do ritual

Os espaços sagrados criam e efetuam as interdições ou regras para as performances ritualísticas, que por sua vez, são responsáveis pela transmissão dos aspectos religiosos e culturais para os indivíduos da comunidade Jiripankó. O ritual Menino do Rancho possui dois espaços sagrados de grande importância para a sua execução. Tais espaços, Terreiro e Poró, possuem suas próprias interdições e regras específicas que os definem e criam as condições para serem mantidas ou reelaboradas as fronteiras e os limites com outras culturas. Isso possibilita o fortalecimento da identidade étnica, a continuidade e socialização da cultura e o sentimento de pertença à etnia Jiripankó, propiciando singularidade em suas práticas culturais, mesmo que tais práticas tenham recebido influência de outros grupos com aspectos culturais diferentes dos seus.

O Terreiro, um dos principais locais da festa, é um terreno de chão batido, com algumas elevações, variando conforme a topografia de cada localidade. É neste espaço, que é realizada a performance ritualística que, na maioria das vezes, gera muita poeira, situação comum aos rituais executados nos Terreiros do sertão.

No mundo ritualístico e cosmológico do povo Jiripankó, o Terreiro é um espaço sagrado vinculado à força encantada; é o lugar onde acontecem os rituais; tem o formato retangular e situa-se em frente ao Poró, apesar de não haver separação entre ambos os espaços, uma vez que os dois exercem importância fundamental e imprescindível para a existência do ritual, cada um é concebido de maneira diferente pelo espectador e possui regras e interdições próprias. As atividades realizadas no Poró são proibidas ao olhar do ‘branco’ já a atividade do Terreiro é pública. (GUEIROS; PEIXOTO, 2016).

Sobre como o indígena concebe o Terreiro, Priscila Matta constatou em pesquisa de campo que

Terreiro significa um santuário pra gente, é igualmente a uma igreja aonde o padre se sente abençoado dentro dessa igreja. Igualmente é a gente; a gente se sente mais aliviado dos seus problemas quando agente chega no terreiro da gente, no poró. A gente vai fazer os pedidos, é atendido. (SILVA 2003 *apud* MATTA 2005, p.70).

Nas horas que antecedem o ritual, o Terreiro se encontra praticamente sem trânsito de pessoas, pois esse espaço é reservado aos Praiás. Isso acontece porque a comunidade o sacraliza e obedece suas regras simbólicas de interdição. Percebe-se, com isso, o quão grandioso é o contexto que o envolve e o converte em santuário a partir do momento em que se aproxima a hora do início do ritual e se estende até o seu encerramento no dia seguinte.

No Terreiro, onde é executado o ritual Menino do Rancho, existe um pequeno quadrado de pouco mais de um metro, composto de palhas verdes de coqueiro ouricuri e de galhos de árvores que servem de base e de sustentação para as palhas que estão dispostas à sua volta. Simbolicamente esta construção representa um rancho ou abrigo para alguém durante o ritual. Tal estrutura sempre está situada ao norte do Terreiro.

Já ao sul dos Terreiros existe uma casa feita de alvenaria, com apenas uma porta e em alguns casos com a pintura de uma cruz na parede externa; a maioria destas construções não possui janelas, aparenta ser mais simples do que as demais construções da aldeia indígena. Essa pequena casa, utilizada para fins ritualísticos, é denominada de Poró.

O Poró é uma espécie de templo, habitação do sobrenatural, motivo pelo qual existe a proibição da entrada de não índios, de índias e até mesmo de índios que não estejam com o corpo limpo, em conformidade com as obrigações e jejum necessários. Cria-se, pois, no seu entorno uma espécie de fronteira entre dois mundos, pois o fato de

haver interdições provoca uma espécie de divisão e esta é mais espiritual do que material. (GUEIROS; PEIXOTO, 2016). As interdições do Poró o isolam, colocando limites ao não índio e também a alguns índios.

Diferentemente do que ocorre com o Poró, as regras do Terreiro definem quem deve entrar e quem apenas deve assistir em seu entorno, havendo separações, mas tais interdições não isolam esse espaço e não impedem o intercâmbio com outros povos ou com outras culturas, pois

[...] hoje todas as culturas são de fronteira. Todas as artes se desenvolvem em relação com outras artes: o artesanato migra do campo para a cidade; os filmes, os vídeos e canções que narram acontecimentos de um povo são intercambiados com outros. Assim as culturas perdem a relação exclusiva com seu território, mas ganham em comunicação e conhecimento. (CANCLINI, 1997, p. 29).

A existência da fronteira é, de certa forma, responsável pela sustentação da cultura, pois ao longo do contato dos índios com o não índio, especificamente no Nordeste, a religião é o elemento que sofreu menos invasão e mudança. Nesse caso, o Poró é um elemento fundamental do ritual Menino do Rancho e também fortalecedor da religiosidade dos indígenas Jiripankó. É um espaço simples e pequeno, mas que assume grandes proporções enquanto elemento simbólico da religião indígena. (GUEIROS; PEIXOTO, 2015).

O Poró, enquanto espaço ritualístico é regido por interdições e silêncios quanto à sua finalidade e obrigações necessárias, além de regras regidas pela comunidade indígena que definem quem pode entrar naquele espaço. Sobre tal espaço, Matta descreve que:

No momento em que os praiás estão se concentrando para entrar no terreiro e durante os intervalos dos rituais, e quando desejam descansar, utilizam o poró, local para realizarem suas obrigações com os encantados. Estão abertos aos homens mais “preparados”, conhecedores dos encantos e seus segredos, aos cantadores, tocadores e aos organizadores dos rituais, sendo interditados às mulheres, crianças e aos de fora. As coisas que acontecem no poró não devem ser reveladas por aqueles que o frequentam. Quem está de fora, no terreiro, escuta a movimentação, o som dos maracás e fica a espera do momento da saída dos praiás. (MATTA, 2005, p.74).

O Poró que sempre está localizado ao poente, em relação ao Terreiro, possui um papel fundamental para o povo Jiripankó, pois para os membros da comunidade, esse

espaço é sagrado que fortalece a fé e a crença, além de ser o local onde o grupo coloca em prática suas atividades religiosas e suas obrigações mais importantes. Até indivíduos de fora da aldeia percebem que o Poró é um lugar ou elemento de grande significado para o ritual. Tanto a noite como durante o dia, os preparativos para o ritual Menino do Rancho são realizados dentro do Poró, é de lá que surgem os primeiros sons das gaitas e dos maracás. São sons fortes e agudos que se sobrepõem ao som das conversas, do vento ou qualquer outro som do ambiente. Além desses sons, ecoam gritos intensos que criam um clima de ansiedade e curiosidade.

Há um grande trânsito no Poró, vários indivíduos entram e saem antes e durante a performance ritualística. É comum um pouco antes da realização do ritual, que a porta do Poró se abra e de lá saíam várias pessoas vestidas de palhas de caroá, com um penacho no topo da cabeça. Tais pessoas que usam essas vestimentas de palha, no mundo ritualístico dos Jiripankó são denominadas de praiás e ocupam papel central no ritual do Menino do Rancho, atividade de pagamento de promessa dos povos indígenas do tronco Pankararu. O evento, elemento identitário desse povo, é visto, também, como uma comunicação entre as gerações, aonde os sentidos e significados vão sendo moldados e transmitidos com o intuito de assegurar sua própria existência enquanto grupo e promovendo o fortalecimento da sua cultura. (GUEIROS; PEIXOTO, 2016). Assim, se afirma que “o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam”. (LARAIA, 2001, p.46).

O ritual, herança do seu tronco fundador, responsável pela transmissão de costumes e de práticas ritualísticas para os membros do grupo Jiripankó, faz com que haja a manutenção da fronteira, causando um fortalecimento identitário para aquele povo. O Menino do Rancho é um dos circuitos ritualísticos do tronco velho; é responsável pela transmissão de vários saberes religiosos para que sejam vividos ou praticados pelos membros da aldeia. O ritual faz com que crianças sejam introduzidas ao universo religioso e partilhem da mesma crença ou imaginário dos mais velhos.

O pagamento da promessa: manutenção da fronteira na cosmologia Jiripankó

Na religião dos Jiripankó existe a crença na interferência dos encantados na vida humana. Acreditam que a cura para os males ou infortúnios da vida diária podem ser resolvidos com tal intervenção. Para isso, fazem promessas, oferendas e cumprem

obrigações ritualísticas como forma de agradecimento por tal ação; isso é denominado de pagamento de promessas, pois coloca aquele que pediu em condição de devedor e aquele que atendeu em condição de credor. O ritual quita tal situação.

Os Jiripankó e outros povos originários dos Pankararu possuem suas crenças assentadas em diversas divindades, estes seres são chamados ou conhecidos no imaginário destas sociedades como seres encantados ou forças encantadas. Os encantados, segundo a cosmogonia dos Jiripankó, são aqueles antepassados indígenas que enquanto seres físicos realizaram boas ações e devido a esses feitos não conheceram a experiência da morte, se encantaram, passando de um estágio existencial físico ou material para assumir formas divinas, seres metafísicos.

Em outras palavras, os antepassados indígenas, enquanto vida terrena tinham a sua fé e dependiam dos seres divinos, passando, logo após, por uma espécie de passagem do estado humano para um estado sobrenatural. Assim, tornaram-se seres divinos, com o dom ou poder de proteger o índio e a aldeia, além de realizar curas de doenças e conceber vários outros milagres.

A antropóloga Claudia Mura em pesquisa de campo com o povo Pankararu constatou que:

Malgrado portadores de uma qualidade substancialmente diferente dos humanos – a imortalidade – os encantados não habitam um lugar distante da Terra. Suas moradias são castelos ou palácios localizados nas serras e nas fontes de água que circundam a aldeia e cujo conjunto é chamado de reino encantado. A moradia depende da linha do encantado, que pode ser de água, terra ou fogo. Portanto, cada encantado domina e trabalha com uma dessas linhas, ou consegue dominar várias, sendo então considerado mais poderoso. (MURA, 2013, p.172).

Os encantados na cosmologia do povo Jiripankó, assim como na cosmologia Pankararu, são seres divinos e não habitam um espaço ou dimensão longe da Terra, vivem e possuem um contato existencial e relacional com os indivíduos que se encontram no estágio de vida terrena, ou seja, que ainda não passaram pela experiência da morte.

O pagamento de promessa é um dos principais atos religiosos do povo Jiripankó, responsável pela socialização de sua cultura, em especial dos saberes da religiosidade tradicional, tais saberes e práticas religiosas fazem com que exista a manutenção da fronteira. Fronteira essa, que mesmo após décadas de subjugação realizada pelo homem ‘civilizado’, não foi destruída, mas sim, reelaborada pela comunidade Jiripankó.

Os rituais como o Menino do Rancho, são responsáveis pela manutenção da fronteira e pelo fortalecimento da identidade étnica dos indivíduos Jiripankó. Essa manutenção faz com que seja possível a distinção entre o mundo do índio e o mundo do não índio. “Recorrer a tal força sobrenatural é a comprovação de que o contato com a sociedade envolvente não tirou a religiosidade nativa, elemento utilizado para a identificação de um indivíduo como indígena.” (GUEIROS; PEIXOTO, 2015).

O ritual acontece em períodos distintos, não tem data fixa para sua celebração. Sua realização está condicionada a uma necessidade concreta de um membro do grupo. O pagamento da promessa acontece após um período de preparação, pois há a necessidade de convidar as madrinhas, os padrinhos, os puxadores, preparar o Terreiro e organizar a estrutura para oferecer a garapa de rapadura aos praiás e a alimentação aos convidados. É de certo modo um evento ancorado no princípio da reciprocidade, caracterizado pela retribuição como um ato de caráter interpessoal. Este sistema, que se expande ou se retrai a partir de uma tríplice obrigação coletiva de doação, de recebimento e devolução de bens simbólicos e materiais, é conhecido como dom ou dádiva (MAUSS, 2008). O pedido ou promessa, a cura e o pagamento da promessa constituem o tripé definido por Mauss como dar, receber e retribuir. (GUEIROS; PEIXOTO, 2016).

Na ótica do pagamento da promessa como teoria da reciprocidade (MAUSS, 2008), o menino é levado ao rancho, acompanhado das demais personagens do evento. Um dia antes ele é entregue ao padrinho e é por este levado ao Terreiro no dia seguinte. Para esta cerimônia o menino é vestido com uma bermuda vermelha, abaixo dos joelhos, sem camisa (substituída por uma espécie de colete comprido com alças encruzadas que se estende até perto do joelho). Essa peça, também vermelha é ornada com várias cruces e alguns adornos brancos pendurados na extremidade; o corpo é pintado com barro branco (tauá), colocam-lhe na cabeça um capacete artesanalmente confeccionado com a palha do coqueiro ouricuri, e passam-lhe a tiracolo um rolo de fumo (o fumo tem imensa importância nos cerimoniais em geral, pois acreditam que tem o poder de afastar os maus espíritos, além de servir para rezas e benzeduras). (GUEIROS; PEIXOTO, 2016).

A cerimônia tem início quando o menino prometido é colocado no Terreiro, cercado pelos protetores ou sacerdotes (praiás), que os disputam com outros homens não paramentados, apenas pintados com o tauá-branco (os padrinhos). Inicia-se uma série de disputas que termina com a destruição total do rancho e a vitória de uma das

partes, após três corridas. Caso os praiás não consigam capturar o menino, este é entregue ao praiá responsável pela cura ao final da terceira corrida. Este dançando e cantando junto com os demais membros do cortejo conduzem o neófito ao centro do Terreiro. Com este rito de iniciação a criança poderá tornar-se membro da sociedade dos Praiás e ao mesmo tempo fica imune aos males dos espíritos contrários. Esta cerimônia é também uma forma de preservação da etnia e conseqüentemente dos rituais e da cultura indígena específica dos povos do sertão alagoano, que por sua vez receberam tal elemento do seu tronco originário, os Pankararu de Brejo dos Padres, em Pernambuco. (GUEIROS; PEIXOTO, 2016).

O ritual Menino do Rancho, é tido como um dos principais rituais do grupo Jiripankó, é também um dos principais elementos religiosos que fortalece a identidade desta etnia, fazendo com que seja um povo com aspectos culturais singulares e não possam ser assimilados quanto a sociedade nacional, possuem práticas culturais distintas, em especial as práticas religiosas que fizeram e fazem com que existam as fronteiras para dividir o mundo do povo Jiripankó com a demais sociedades. São os rituais ou práticas religiosas, que mesmo possuindo fortes elementos do cristianismo católico, fizeram com que o etnônimo Jiripankó se erguesse e passasse a ser reconhecido como um grupo indígena, além de fazerem com que mesmo após um longo contato com o branco, o grupo não perdesse suas especificidades, mantendo a essência de sua cultura nativa. Segundo Ribeiro:

[...] as culturas são imperativamente transformadas no confronto de umas com as outras. Especificamente no caso dos povos indígenas com a civilização. Mas suas identificações étnicas originais persistem, resistindo a toda sorte de violência. Onde os pais podem criar os filhos dentro de sua tradição, a comunidade indígena sobrevive. Isso ocorre mesmo nas condições mais extremas de compressão, como sucedeu a alguns grupos indígenas do vale do São Francisco. Ali, eles foram desalojados de suas terras e obrigados a perambular por décadas como mendigos maltrapilhos, mas, ainda assim, continuaram sendo índios por sua autoidentificação com uma comunidade que vem de tempos imemoriais e os reconhece como seus membros. A transfiguração étnica consiste precisamente nos modos de transformação de toda a vida e cultura de um grupo para tornar viável sua existência no contexto hostil, mantendo sua identificação. (RIBEIRO, 2010, p. 28 – 29).

Ao longo do contato com o não índio o povo Jiripankó passou por diversas transformações e adaptações, transfigurando ou moldando os seus costumes, porém tais mudanças e adaptações, não fizeram com que houvesse uma aculturação, pois a

religiosidade do grupo foi reelaborada, adquirindo elementos do cristianismo católico, resignificando as práticas religiosas e o imaginário do grupo, mantendo, porém, a sua essência nativa.

Os Jiripankó possuem um elemento distinto da sociedade a sua volta que é o ritual Menino do Rancho, um dos atos religiosos responsável pelo enaltecimento do sentimento de pertença daqueles indivíduos, conectando-os a um mesmo imaginário. É o sentimento de pertença que fortalece a identidade do grupo. A execução do ritual propicia à transmissão das práticas e saberes religiosos de geração em geração.

A performance ritualística do Menino do Rancho: conclusões

Nos domingos, dias de encerramento do ritual Menino do Rancho, é comum que a aldeia do povo Jiripankó passe a ter um movimento intenso, pois logo cedo o batalhão de praiás e padrinhos sai em cortejo para buscar as madrinhas e o menino que será colocado no rancho. Enquanto o grupo anda pela vizinhança em busca das demais personagens que estarão na execução da performance religiosa no Terreiro; as mulheres têm a função de prepararem o grande almoço que irá ser servido para as personagens do Terreiro e aos convidados.

Completo o grupo de personagens do ritual, o cortejo chega ao Terreiro, composto por cantadores que estão à frente, cantando as toantes, seguidos do menino, das madrinhas, dos padrinhos e do batalhão de praiás, além de uma boa quantidade de pessoas da aldeia e da região que acompanhavam esse grupo principal. (GUEIROS; PEIXOTO, 2016).

A partir da chegada, os cantadores se posicionam à direita do rancho enquanto os demais (Padrinhos, madrinhas noiva, praiás e menino) se distribuem pelo Terreiro e passam a executar um bailado circular ao som dos maracás, das flautas e dos cantos. O bailado denominado de Toré consiste em uma dança, girando sempre no sentido horário, com passos firmes que ecoam no solo, mas observando os pés dos moços, dá a impressão que flutuam. O bailado é, grosso modo, um misto de força e leveza difícil de ser explicado. (GUEIROS; PEIXOTO, 2016).

Durante o ritual, o cortejo composto, em sua maioria, por praiás e padrinhos circulam três vezes o Terreiro, até que o praiá que realizou o milagre e passou a ser o dono do menino, (não participa da disputa) determina os momentos de trégua ou de corrida. Um dos padrinhos, por sua vez orienta o menino durante a fuga, auxilia-o a se esconder, a subir em árvores ou fica com ele no rancho, enquanto os demais padrinhos

tentam impedir que os praiás o alcancem. A disputa é árdua e pode causar sérios machucados. (GUEIROS; PEIXOTO, 2016).

Após a disputa e captura ou não do prometido, ele é entregue ao seu dono no Terreiro, iniciando então o encerramento da performance religiosa, com um Toré que parece não ser de caráter sagrado, mas festivo ou comemorativo, pois passa a ser permitida a entrada de qualquer indivíduo no Terreiro. Nos dias de domingo, o ritual Menino do Rancho inicia-se de manhã e é finalizado no fim de tarde, com única pausa na execução do bailado, no momento do almoço.

O ritual acontece em três etapas: a primeira é quando a criança adocece e a família procura o pajé para tratá-la na religião tradicional; a segunda etapa é marcada por sessões ou trabalhos de cura e a terceira etapa é a festa ou ritual, momento em que a cura é externada para a comunidade, depois que a criança curada foi oferecida para um encantado (entidade espiritual). A festa, também chamada por alguns Jiripankó de brincadeira, acontece na noite do sábado e no dia de domingo, ocasião em que a comunidade e convidados se reúnem para assistir a entrega do menino para o encantado. (GUEIROS; PEIXOTO, 2016).

O ritual Menino do Rancho, quanto à existência de uma doença e sua cura, não obedece a um calendário específico por estar relacionado às questões religiosas do grupo, com os seres divinos da cosmologia Jiripankó e também com a situação financeira da família. Este ritual é responsável pela transmissão das práticas culturais, em especial dos elementos ritualísticos para os membros da comunidade indígena; essa transmissão e sua execução, faz com que o Ritual seja o elemento de fortalecimento identitário, criando e reforçando um grande sentimento de pertença nos indivíduos da aldeia.

Referências

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 3 ed. São Paulo: EDUSP, 1997. (Ensaio Latino-americanos, I).

GUEIROS, Lucas Emanuel Soares; PEIXOTO, José Adelson Lopes Peixoto. RELIGIOSIDADE E ENCANTAMENTO: O pagamento de promessa no ritual indígena Jiripankó. In **Mnemosine**. Revista do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande. Vol. 7, N.1, Jan/mar 2016, p. 111 – 126.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 14. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

MATTA, Priscila. **Dois elos da mesma corrente**: uma etnografia da corrida do imbu e da penitência entre os Pankararu. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005 (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social).

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa: Edições 70, 2008.

MURA, Claudia. **Todo mistério tem dono!** Ritual, política e tradição de conhecimento entre os Pankararu. Rio de Janeiro: Contra capa, 2013.

SANTOS, Cícero Pereira dos. **Território e identidade**: processo de formação do povo indígena Jiripancó. Palmeira dos índios: UNEAL, 2015. (Trabalho de conclusão do curso de Licenciatura Intercultural Indígena em História).

RIBEIRO, Darcy. **Falando de índios**. Apresentação Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro; Brasília, DF: Editora UnB, 2010.